JUVENTUDE, CIDADE E TERRITÓRIO: ESBOÇOS DE UMA GEOGRAFIA DAS JUVENTUDES[1]

Diogo da Silva Cardoso
Doutorando em Geografia – UFRJ
diogo_georeg@yahoo.com.br

Nécio Turra Neto
Prof. do Departamento de Geografia da FCT/UNESP
Membro do GASPERR
necioturra@fct.unesp.br

RESUMO
Este artigo nasce de uma preocupação nossa com a forma como a dimensão espacial tem sido abordada nos estudos de juventude. Tem sido crescente a incorporação desta dimensão analítica na exploração dos contextos sócio-espaciais concretos, em que os jovens vivenciam sua experiência de juventude. Termos como espaço, território, lugar e desterritorialização tem sido amplamente empregados. Contudo, sem a devida precisão conceitual. Assim, buscamos uma possível agenda de pesquisa, que evidenciariam possíveis contribuições da ciência geográfica ao debate, justamente por conferir maior precisão conceitual aos termos citados. Trata-se, então, de uma proposta de redimensionar o objeto de pesquisa, entendendo os grupos e redes de sociabilidade juvenis a partir de suas territorializações nos ambientes urbanos.
Palavras-chave: juventude, cidade, território/territorialidade.

ABSTRACT
This article results from our concern about the way the spatial dimension has been addressed in the studies about the youth. The incorporation of this analytical dimension in the analysis of the concrete socio-spatial context, in which the young people experience their youth, has increased. Terms as space, territory, place and deterritorialization have been largely used. However, without the adequate conceptual accuracy. Thus, we sought a possible research agenda, which would bring possible contributions from the geography science to the debate, exactly because it confers a better conceptual accuracy to the mentioned terms. This, then, is a proposal to resize the object of research, understanding the groups and youth sociability networks from their territorialization in the urban environments.
Key words: Youth, city, territory/territoriality.

1. Introdução

[1]Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no IV Jubra – 16 a 18 de junho de 2010, PUC-MG. Este versão está reformulada, ampliada e submetida à revista *GEOgraphia*, do Departamento de Geografia da UFF.

Este artigo consiste em reflexões e tentativas de situar a Geografia Humana dentro dos estudos de juventude, baseado na interdisciplinaridade tão cara a essa temática. Contudo, por tratar-se apenas de um texto introdutório, não pretendemos esgotar o assunto, mas indicar uma possível agenda de pesquisa da qual a Geografia teria um papel central.

No trabalho faremos mais uma trajetória sobre a história dos estudos de juventude, até sua incorporação da dimensão espacial e uma breve apresentação de dois conceitos geográficos, que consideramos fundamentais para ampliar o diálogo entre a Geografia e os estudos de juventude. Por fim, procuraremos apresentar nossas experiências de pesquisa, como forma de abertura para o debate.

Já faz algum tempo que a categoria *juventude* tem sido objeto de interesse de algumas ciências sociais e humanas, principalmente da Sociologia, Antropologia, Comunicação Social e Psicologia. A repercussão da juventude nestas disciplinas científicas se deu pela visibilidade social alcançada que boa parte desses grupos; e também pela condição "juvenil" frente à estrutura socioeconômica e aos processos políticos e culturais.

Esta visibilidade social da juventude está intimamente ligada à sua própria história. Antes da Modernidade, não se reconhecia a existência de uma distinção clara entre os grupos etários. A socialização fazia-se no seio do grupo social, em situações de trabalho, cerimoniais e festivas, que também eram de aprendizagem. A juventude emergiu, como um fenômeno da Sociedade Moderna, a partir de processos como: a criação de instituições educativas; a privatização da vida social; a separação do tempo-espaço privado do tempo-espaço público e de trabalho. Inicialmente, e até meados do século XX, o fenômeno da juventude era uma prerrogativa das classes superiores, que podiam enviar e manter seus filhos em instituições educativas (Abramo, 1994; Dayrell, 2005).

O século XX assistiu a ampliação e popularização progressivas da condição juvenil em vários setores da sociedade. Um processo que se intensificou no pós-guerra até atingir, em meados de 1970, os setores populares da América Latina. Paralelamente, assistiu-se, também, a uma pluralização no quadro daquilo que poderia ser chamado juventude. As manifestações tornaram-se mais diversificadas, bem como os contextos sócio-espaciais em que ocorriam. A escola e a universidade já não eram mais os únicos contextos onde jovens encontravam-se reunidos e de

onde poderiam surgir grupos que ganhavam visibilidade por comportamentos, expressões, manifestações "fora da ordem". Os campos do lazer e do consumo, articuladas à indústria cultural de massa e a constituição de espaços especificamente voltados ao público jovem, nas cidades, tornaram-se também importantes cenários de articulação de grupos juvenis.

Dessa forma, a juventude ganhou contornos cada vez mais plurais e imprecisos. Hoje, fala-se em juventudes, no plural, e a preocupação tem se deslocado para as "formas de ser jovem", muito mais do que para a busca de uma definição de juventude que possa ser generalizável (Dayrell, 2005)[2]. Abramo (1994) já apontava essa virada de perspectiva quando a Sociologia começou a se dar conta da diversificação de cenários e manifestações juvenis, nos idos dos anos de 1970-80.

A abordagem pluralista enfatiza os sistemas de interação específicos, em que os/as jovens estão situados, e que interferem em suas trajetórias de vida, de modo que esses/as produzam respostas bastante diversificadas às questões que lhes afligem. Ainda que, num mesmo contexto sócio-espacial, é possível encontrar variadas trajetórias juvenis, é possível estabelecer paralelos entre a diversidade juvenil e a multiplicação de contextos sócio-espaciais, dentro de uma mesma cidade.

A preocupação contextual levou a Sociologia da Juventude a realizar uma "virada cultural", o que no Brasil só foi ganhar evidência ao longo dos anos de 1990 e ainda não parece ser a abordagem mais privilegiada. Como afirmou Carrano (2003, p. 114):

> [A] precariedade da perspectiva cultural nas investigações sobre os jovens os transformaram numa ponte, sem maior identidade, entre a infância e a idade adulta. [...] [o que] nos afasta sensivelmente daquilo que o jovem experimenta como sendo a sua verdadeira identidade [elaborada nas] [...] suas redes culturais.

Com vistas a constituir um caminho alternativo, Carrano (2002; 2003) procura aliar à "virada cultural" nos estudos de juventudes o que se poderia aqui denominar como "virada espacial"[3]. Seu estudo das práticas de lazer dos/as jovens, nos múltiplos espaços da cidade e nas múltiplas redes de sociabilidade (entendidos

[2] Esta ideia não é um consenso entre os estudiosos de juventude. Spósito e Carrano (2003), por exemplo, chamam a atenção para o fato de que a discussão das juventudes no plural não pode obscurecer, ou desestimular os esforços em busca de construir um conceito sistemático de juventude e do ser-jovem.

como contextos urbanos educativos), conduziu-o a uma ampla abordagem do espaço urbano e da experiência juvenil da cidade. Para ele,

> [...] as identidades sociais urbanas só podem ser identificadas e analisadas na perspectiva da busca dos sentidos dos relacionamentos da complexa teia da vida que é tecida tanto nos *lugares* das cidades, como em outros âmbitos que ultrapassam os seus *limites territoriais* e simbólicos (Carrano, 2003, p. 36, grifos nossos).

Tanto Carrano (2002; 2003), como Dayrell (2005), explicitamente, abordam os laços que formam grupos juvenis localizados a partir de referências culturais globais. Carrano trabalha, predominantemente, com as noções de rede de sociabilidade e identidade, enquanto Dayrell privilegia o estilo. Dayrell está mais preocupado com o contexto dos bairros em que os grupos tomam "forma"; já Carrano, com os espaços apropriados, a constituição de territorialidades juvenis, em múltiplos territórios de pertencimento. Estes autores, contudo, apesar das suas contribuições, apresentam fragilidade teórica no que se refere ao tratamento da dimensão espacial, pois seus debates passam ao largo de um diálogo mais estreito com a Geografia[4].

Pensamos que a consideração da dimensão espacial, em seus vários aspectos (como contexto espacial de origem dos grupos juvenis; como território, resultado da vivência juvenil na cidade; como circulação pelo espaço urbano; como transição da casa para a rua) permitiria um tratamento mais aprofundado da multiplicidade e da complexidade da condição juvenil contemporânea.

Cabe argumentar que essa virada espacial começou a se gestar quando se percebeu que as comunidades não poderiam ser circunscritas a lugares

[3]A expressão "virada espacial" não é de Carrano, ainda que, pela forma como a estou entendendo, possa situar seu trabalho nesse quadro. Ela me vem de Massey (2008), quando aborda a incorporação da teoria da complexidade (que ela vê com reservas) à teoria social. Segundo essa autora: "Há, no entanto, aspectos particulares da teoria da complexidade que combinam com essa, potencialmente, revolucionada imaginação de espaço. Há uma ênfase na justaposição, no encontro e imbricação e em seus, nem sempre previsíveis, efeitos: isto é, no configuracional. E, acima de tudo, há, em algumas leituras da teoria da complexidade, pelo menos, uma insistência na compreensão da temporalidade como sendo aberta. Portanto, se tais conexões existem, se as indeterminações da complexidade combinam com as indeterminações que surgem quando uma espacialidade (reimaginada) é integrada, mais plenamente, em nossas análises, então isso poderia ser outro elemento no *Zeitgeist* contemporâneo, que é responsável pelo que foi chamado de 'virada espacial' na teorização social" (Massey, 2008, p. 188).

[4]E essa é uma crítica que é possível estender a diversos autores e autoras que, contemporaneamente, têm valorizado a dimensão espacial nos seus estudos sobre juventudes. Para um aprofundamento desta crítica ao tratamento da dimensão espacial nos estudos de juventudes, confira Cardoso (2011) e Neto (2008).

relativamente bem delimitados, que as inter-relações, os fluxos de toda ordem, as redes, estavam envolvidos no processo de constituição, não só dos contextos sócio-espaciais em que os estudiosos/as ancoravam suas pesquisas, mas, também, dos grupos juvenis estudados. Foi aí que se começou a colocar a questão da espacialidade, para apreender as transformações em curso, nas formas contemporâneas de ser jovem.

A ampliação e a pluralização das formas de expressão juvenil fizeram emergir uma preocupação com o contexto sócio-espacial e histórico, ao mesmo tempo em que apontaram a dificuldade em construir noções gerais.

Por tudo isso, a Sociologia da Juventude, que já havia realizado uma "virada cultural", viu-se na eminência de conduzir também uma "virada espacial". Assim, foi a própria história concreta da juventude e das amplas mudanças na Sociedade, em escala mundial-local, que conduziram a uma perspectiva espacial, nos estudos sobre as juventudes, como forma de melhor compreender a complexidade dos processos que as envolvem.

Como geógrafos, consideramos que essa "virada" carece ainda de um ponto de vista da nossa disciplina – daquela Geografia que se coloca no papel de refletir sobre a espacialidade humana –, no sentido de dar maior precisão a conceitos amplamente empregados, atualmente, nos estudos sobre juventudes, como lugar-local, relação global-local, território e territorialidade, desterritorialização/reteritorialização e espaço. Nesse sentido, estamos diante de um fértil campo de pesquisa que certamente não se limita à Geografia, e que exige uma preocupação maior com o que podemos aqui chamar de dialética socioespacial, tarefa teórica e conceitual defendida zelosamente por Soja:

> Esta advocacia em favor do espaço não vai contra a interpretação histórica, como anti-histórica, tampouco é uma substituição da determinação histórica pela espacial, como querem alguns céticos. Refletindo um desenvolvimento irregular do discurso histórico *versus* o discurso espacial, *spatial turn* é, fundamentalmente, uma tentativa para desenvolver um equilíbrio mais criativo e efetivamente crítico da imaginação espacial / geográfica e temporal / histórica. (SOJA, 2008, p. 16-17)

Ou ainda, como sugere Arantes (2000), baseando-se em Massey (2000), não se trata simplesmente de considerar que as relações sociais ocorram no espaço e no tempo, mas sim que elas são fundamentalmente "espaço-temporais", e o lugar

emerge como eventualidade de trajetórias sociais e não-humanas que se encontram, se arranjam, se mesclam e se dispersam *aqui e agora*, configurando uma política do acabar juntos não desprovidas de contradições, conflitos e negociações (Massey, 2008, p. 204).

2. Juventude e cidade

Começaremos essa parte advogando contra os que dizem que a juventude não contempla questões geográficas fundamentais. Muitos desses julgamentos precipitados – feitas em sua maior parte pelos geógrafos da linha marxista – ocorrem porque tendem a ver as comunidades de sentido transnacionais e as manifestações culturais pós-modernas como fenômenos sem "chão", sem apelo territorial, desapegados do contexto "local" (mas não seria esses jovens uma das características que define o tal contexto local?). Não é preciso dizer que a nostalgia pelo "mundo que não existe mais", um certo saudosismo pelas comunidades baseados nas antigas classes trabalhadoras (McDowell, 1996, p. 172) impera nas afirmações desses autores. Numa simples linha de pensamento, podemos dizer que não existe identidade ou rede social que escape do imperativo da geograficidade e do contexto envolvente do lugar, mesmo que tal condição seja colocada de forma negativa, desenraizada, alienante. Tal argumentação ganha ampla vitalidade nas palavras de Bossé:

> [...] ao se definir no sentido amplo a identificação geográfica como uma prática dinâmica, simbólica e multiescalar, deve ser possível, em todo discurso identitário – seja ele mais apoiado no mito ou na rede social do que sobre o espaço ou o lugar, ou na crença da emergência de um "lugar global" –, reencontrar a pista de uma imaginação da terra perdida ou de um sonhado além, de um *topos* ou uma utopia razoavelmente metafóricos que alicerçam as aspirações e animam a coesão das redes sociais em uma perspectiva geográfica. Pois a impossibilidade ou a recusa de se identificar com um lugar, ou de identificar um espaço, assinalariam negativamente, por si mesmas, que uma geograficidade ainda está para ser elaborada. (BOSSÉ, 2004, p.178-9).

Trazendo a consideração de Bossé para a cosmopolita juventude "periférica", pode-se sair da visão restritiva das comunidades românticas dos antropólogos tradicionalistas, ou mesmo o neotribalismo maffesoliano, para adentrar em tipologias mais condizentes e atraentes, como as *redes de afinidade de gosto* propostas por

Ferreira (2008, p. 103). São novas vinculações flexível e ritualisticamente constituídas, motivadas e mediadas por vários meios – do ciberespaço aos novos modelos de "grupo-dispositivo" ou do ator-rede do sociólogo Bruno Latour - que reforça ou desestabiliza os "centros" e também as "margens" da vida urbano-metropolitana. É o que conclui o autor:

> Dizer que tais redes de sociabilidade correspondem a laços sociais mais *sociativos* (inspirado no conceito de *sociação* de Simmel, 1983) que *associativos*, significa que correspondem a quadros de relações sociais que, longe dos compromissos de longo prazo e fusionismos gregários característicos das estruturas burocráticas e hierárquicas que pautam a formalidade da vida associativa, são caracterizadas por uma estrutura flexível, voluntarista e convivial, sem qualquer tipo de enquadramento formal e institucional, nem orientação ideológica unidirecional, baseada em laços mais afinitivos e afetivos que definitivos e vinculativos, representativos de interesses mais expressivos que instrumentais (Ferreira, 2008, p. 103).

As identidades e comunidades juvenis criam um caldo de cultura efervescente, com contrastes multidirecionais. É no espaço urbano que a vida juvenil ganha contornos de incerteza, mas também aponta inúmeros caminhos em direção ao protagonismo e afirmação dos sujeitos políticos. É o futuro que se faz no presente, um futuro que se encontra "aberto", da qual o espaço geográfico é a condição de efetivação das novidades. Lara descreve outras perspectivas e possibilidades do jovem na cidade – apesar do apelo um tanto erotizado representado na imagem do labirinto, igual às armadilhas pregadas pelo pensamento de Certeauano, conforme Massey (2008, p. 78-80):

> O labirinto que enreda a vida juvenil urbana da periferia cobra dos seus transeuntes esforços de adaptação ao seu ritmo e às suas características, em suma, à sua dinâmica. O preço principal é o da flexibilidade na adaptação às mudanças de percurso no labirinto. Esse movimento de adaptação é lembrado pelos jovens como os movimentos do moto-boy em alta velocidade pelas ruas congestionadas da cidade, onde ele precisa constantemente mudar seu caminho. Para que esse percurso se dê da forma mais tranqüila possível é preciso ajustar o passo com as mudanças de direção apontadas pelas suas curvas. (Lara, 2007, p. 5).

Neto (2004, 2008), um dos poucos geógrafos a tratar deste tópico, afirma que as comunidades transnacionais de sentido – característica da maioria dos

microgrupos juvenis –, ao estarem vinculadas a determinado gênero estético-musical, trazem para as parcelas "territorializáveis" da cidade (rua, casas de show, megaeventos, praças, galpões abandonados) influências/ritmos globais. É na territorialização dessas comunidades que se ressalta a condição do lugar como fator decisivo no estabelecimento do grupo e das conexões com outros grupos e pessoas da rede local ou de outros lugares. O global é construído e experienciado a partir dos intercruzamentos *eventuais* produzidos pelo/no lugar (Massey, 2008).

Dentro desse fluxo contínuo e desestabilizador, o lugar emerge como um espaço na qual os sentidos se aguçam, uma sede na qual as pessoas buscam refúgio, contudo, diferentemente dos localismos exclusivistas, tal ancoragem identitária e territorial pode ser construída em íntima relação com o global, através das novas tecnologias da informação e comunicação.

É nesse veio da juventude como categoria cambiante e transformativa, condicionada pelas paisagens e territórios da cidade, que alguns autores vem alertando para o fato de que a noção de "cultura juvenil" não passa de um mito, um reducionismo (Varela, 2008), vide que o pertencimento de jovens em um estilo de vida específico, em um tempo e lugar também específicos, não garante a homogeneização das suas práticas sociais.

Em termos lógicos e práticos, uma pessoa que faz parte de um grupo skinhead pode não aceitar todas as ideias preconceituosas e xenófobas partilhadas por outros adeptos... e para além daquela identificação, nada o impede de frequentar um espaço de convivência novaerista, conhecido por pregar a aceitação irrestrita de todos os seres humanos... e para finalizar, este jovem ainda pode ser simpático com as ideias socialistas de Hugo Chávez!

Mas antes de denegrir a suposta incoerência do "skinhead-novaerista-socialista", convém primeiro entender que a suposta incoerência e fragilidade do jovem pós-moderno é, por assim dizer, uma visão enraizada nos pressupostos racionalistas e etnocêntricos que escreveram a história indigesta do Ocidente. "Comunidades autênticas", "identidades nacionais coerentes" e "lugares de origem" são alguns dos embustes do pensamento moderno, que não entende que um grupo social ou lugar não são atávica e deterministicamente relacionados – ver Gupta e Ferguson (2000). Os medos que se tem com relação aos sincretismos culturais

juvenis podem perfeitamente ser espantados se se pensar que o pós-modernismo, condição estética e política dominante nos dias de hoje, compreende infindáveis

> [...] processos de apropriação de certos artefatos e significados da cultura dominante (ou da cultura dos pais), transformados em formas simbólicas que incorporam novos sentidos e significados para aqueles que adotam esses estilos (Cosgrove; Jackson, 2000, p. 25).

O estrangeiro de Simmel (1983), caracterizado por sua passagem momentânea pela sociedade que o hospitaliza, ganhou um *plus* com a atual transmutação das cidades em nós glocalizados (Robertson, 1993), na medida em que o embotamento das fronteiras nacionais e os distintos mecanismos de mobilidade espacial (migração, viagem, segregação, refugiação) redesenharam o mapa do mundo e a morfologia das cidades. Tal redefinição da vida social, promulgado pelas novas subjetivações e pelos territórios plurais alçados dentro de múltiplas topografias de poder, colocam as pessoas em constante conexão com os *outros*. Desse modo, as pessoas estão sempre no limite entre outros espaços-mundo, e isso coloca para o jovem a possibilidade, ao mesmo tempo desafiante e prazerosa, de escolher e pertencer em uma ou mais "culturas". E esse fato dá uma outra pista: o jovem que aderiu com tanto fervor a uma identidade durante a primeira "fase" de escolhas, ao continuar o processo de reflexão e escolhas, poderá tanto optar por seguir em frente com outra filiação identitária, ou pode fazer da miscelânea de identificações o seu *estilo de vida* – um estilo de vida sincrético!

Então o raciocínio deve caminhar do seguinte modo: embora saibamos que o antigo pertencimento do jovem a um gosto específico não faça mais parte da sua atual vida como "jovem-adulto", contudo, o estilo pode continuar presente nas suas ações, a exemplo da tatuagem que, depois de finalizada, não mais se apaga (a não ser com tratamento bem caro!). Varela destaca a dialética da continuidade-descontinuidade que permeia as práticas cotidianas do jovem contemporâneo, negando a tradicional idéia de ruptura-para-um-novo-estilo:

> Los jóvenes no construyen una «cultura juvenil», sino que son capaces de tomar sus decisiones y elecciones de las prácticas sociales, que los distinguirán como una «cultura juvenil», esto obviamente va cambiando de generación en generación, más aún con la influencia de la modernidad, vista anteriormente. Se van dando nuevas características, acordes a los tiempos, es así que los jóvenes construyen sus prácticas sociales [...]

> Por lo tanto la mal llamada cultura juvenil, no es más que el processo de toma de decisiones y advenimiento a una cultura determinada, que se da dentro de la juventud. El que sean capaces los jóvenes de determinar cuales son las prácticas sociales acorde a su realidad, los estilos que los identifiquen y asuman los diferentes componentes de una forma cultural, los encamina a dejar de ser jóvenes y ser indivíduos con cultura propia (Varela, 2008, p. 89-90).

A condição juvenil passa por um misto de prazer e sofrimento, abertura e fechamento ideológico, gozo pela mobilidade e ânsia por fixação. É uma efervescência dialética da qual a cidade é o principal fertilizante e cadinho. O espaço geográfico é forçado, pelas condições da vida, a ser dimensão do "estar-junto", da possibilidade da coexistência e das exclusões forçadas ou negociadas, que tem na cidade sua expressão mais acabada.

Na sua primeira proposição de espaço, Massey (2008) reconhece que as identidades/entidades são constituídas nas inter-relações, derrubando assim o imaginário e os discursos essencialistas e exclusivistas de lugar/território. As inter-relações espaciais co-produzem as identidades e definem as articulações dos lugares que as abrigam. Mas para que a inter-relacionalidade seja externada e praticada em todos os âmbitos da vida social, é necessário que:

> Em lugar de um liberalismo individualista, ou de um tipo de política de identidade, que considere essas identidades já, ou para sempre, constituídas e defenda os direitos ou reivindique a igualdade para essas identidades já construídas, essa política [das inter-relações] considera a constituição dessas próprias identidades e as relações através das quais elas são construídas como sendo um dos fundamentos do jogo político. As "relações" aqui são compreendidas como práticas encaixadas. Em vez de aceitar e trabalhar com identidades/entidades já constituídas, essa política enfatiza a construtividade relacional (incluindo as chamadas subjetividade política e clientelas políticas). (Massey, 2008, p. 30).

Depois de intenso debate em torno da *autor*idade da cidade, fica a impressão de que, para compreender a dinâmica e as topografias do social e do poder, devemos partir duma análise *configuracional*, nos moldes propostos pelo sociólogo Norbert Elias (2005), onde este desafia o cientista a investigar as múltiplas microterritorialidades do cotidiano e sua interdependência em relação às estruturas de ordenamento e de produção de sentido que foge aos controles internos. Numa sociedade urbana complexa, falar de essências internas e exclusivismos territoriais é cair na mesma armadilha antropológica que fez estudiosos deduzirem coisas tais

como progresso, evolucionismo, grupos primitivos, racialismo, espaços intocáveis etc. Mas como o Mundo foi desde sempre *interligado*, como advogam Gupta e Ferguson (2000, p. 33), é preciso destacar as interdependências e fugir dos essencialismos que persistem em congelar o fluxo da vida. E quando o assunto é juventude, os fluxos são ainda mais intensos e ambivalentes, um reflexo da enorme plasticidade e transitoriedade que marca as sociabilidades juvenis urbanas, cada uma delas com suas próprias dinâmicas interacionais e reivindicações culturais e econômicas mediante o contexto na qual se inserem.

3. Possibilidades de estudo das juventudes em Geografia: dois relatos pessoais de pesquisa

Como procuramos demonstrar, o diálogo entre a Geografia e os estudos de juventude está ainda em fase de incubação, sem grandes sistematizações ou diálogos interdisciplinares. Se, de um lado, há uma ampliação da preocupação com a espacialidade própria das culturas juvenis, por outro, estes estudos têm sido marcados pela imprecisão conceitual, sobretudo, por passarem ao largo de um debate mais estreito com a nossa disciplina. Não defendemos que a Geografia tenha exclusividade sobre a abordagem espacial ou sobre a espacialidade humana, mas é preciso reconhecer que ela é a ciência que, mais sistematicamente, tem uma preocupação conceitual com o espaço e com conceitos correlatos, como lugar e território. Um debate sobre a espacialidade da condição juvenil, que não estabelece interlocução com a Geografia, pode deixar de explorar todas as possibilidades que a abordagem espacial oferece para o desvendamento da dinâmica das juventudes, contemporâneas ou não. Essa limitação das pesquisas em outros campos disciplinares, não significa, contudo, que elas devem ser rejeitadas em sua totalidade. Pelo contrário, são trabalhos que contribuem imensamente para o debate sobre juventudes e que apresentam, inclusive, questões importantes para que a própria Geografia possa pensar as espacialidades humanas atuais e repensar seus próprios conceitos.

Em nossas pesquisas, procuramos levar adiante a conversação e experiência concreta com os sujeitos jovens pesquisados. São caminhos que nos aproximam teórica e conceitualmente, mas que também mantém nossas particularidades de

interesse (a religião, por exemplo, mantém nossos enfoques significativamente distintos).

Um de nós tem proposto pesquisas que procuram desenhar trajetórias espaço-temporais em diversas escalas para falar das juventudes. Este autor busca reconstruir a trajetória do próprio lugar, para entender como nele os espaços-tempos e práticas de sociabilidade juvenil se transformaram ao longo do tempo e compreender o contexto histórico-geográfico em que novas formas de identidade e sociabilidade juvenil encontraram condições de possibilidade de territorialização no lugar. Ao estudar as culturas juvenis punk e hip-hop, procurou entender como no lugar se deram as condições necessárias para que estas culturas acontecessem. A partir daí, procura reconstruir a trajetória histórica de territorialização e constituição das redes de sociabilidade de cada uma destas culturas na cidade. Parte do princípio de que o lugar tem um papel fundamental nas formas como as culturas juvenis globais se cruzam, se mesclam e se territorializam na complexidade do lugar que as abriga. O punk e o hip hop são os objetos de estudo privilegiados por dar conta da intersecção complexa entre os fluxos globais e os acontecimentos locais que ditam as estratégias de sobrevivência e de militância dos estilos jovens, fato no qual os rappers e punks colaboram bastante, vide a importância destes na difusão de novas sociabilidades e de produções culturais independentes nas cidades brasileiras. O punk e o hip hop acena para um espectro mais amplo que envolve todas as dimensões da vida (política, economia, cultura, religião), pois não é de se estranhar que alguns grupos intelectuais do hip hop já falem de “economia política da cultura” como estratégia de ampliação das possibilidades de aumento e fortalecimento da cena ao qual tanto lutam para conseguir manter.

Já o outro autor, é o primeiro pesquisador a realizar um estudo sistemático sobre o emergente, complexo e amorfo movimento *underground* cristão brasileiro, com base na experiência de campo junto às comunidades eclesiais e agências missionárias nativas localizadas na região Sudeste (região de maior concentração eventos e redes de parceiros do *underground* cristão). De caráter multifacetado, o movimento agrega diferentes grupos de afinidade estética (heavy metal, punk, hip hop, gótico etc.) e distintas doutrinas teológicas ora “simplistas” ora pós-modernistas (geração *Cabana*!). Eles tomaram para si a posição de vanguarda, de nova geração de “cristãos autênticos”, atuando de modo veemente (ou esporádico) no campo

cristão nas últimas duas décadas. Mas sua visibilidade ainda é bem sutil, situando-se nas bordas dos igualmente multifacetados universos evangélico, católico ou das novas comunidades e mobilizações que negam rótulos e vínculos formais – aliás, estas últimas preferem (ou se veem obrigadas à) sempre estar na "fronteira": é o caso das Igrejas emergentes, dos neoprotestantes, dos cristãos liberais/humanistas, dos desigrejados etc.

Propôs-se que, a partir dos elementos religiosos, culturais e artísticos atinentes às comunidades e às suas distintas mobilizações pela cidade, investigar os territórios religiosos (comunidades de santos) e os itinerários simbólicos (efêmeros ou permanentes, em igrejas ou nos *points* seculares) que esses jovens religiosos construíram é o meio necessário para vislumbrar a complexa espacialidade que o movimento adquiriu desde a última década (2000-2009), e que explodiu de tal maneira que outros grupos religiosos não tiveram opção: abriram as portas para o diálogo, troca cultural e cooperação.

Hoje, soma-se pouco mais de 100 comunidades e eventos religiosos *underground* espalhados por todo o Brasil. Com efeito, o movimento adquiriu certa visibilidade e legitimação ideológica no campo religioso, obrigando evangélicos a aceitar o rock, heavy metal e hip hop como musicalidades passíveis de serem *consagradas*, além de ser aceito plenamente em algumas cenas independentes.

A intersecção com o campo evangélico é evidente – boa parte dos confrades é egressa de igrejas evangélicas –, daí a indissociação do movimento com o cenário mais amplo da cristandade. A territorialidade dos cristãos do *underground* é fugaz, prenhe de estratégias que, em forma geral, abarcam dois objetivos: 1) a evangelização dos segmentos juvenis historicamente ignorados, privados das missões das igrejas tradicionais (católica e protestante); 2) frequência repentina nos circuitos de lazer e entretenimento jovem alternativos, incluindo aí os efêmeros e absorventes shows de metal, rock e hip hop dispersos por todo o tecido metropolitano. Os dois pontos merecem atenção especial e um tratamento diferenciado, visto que as táticas militantes de um lado e as representações do sagrado e da secularidade do outro fornece um contexto denso de significados a serem apropriados e colocados em prática na realização dos objetivos julgados importantes por cada comunidade religiosa, sem ignorar os fatores externos (teor de radicalidade dos jovens seculares, disposição dos evangélicos locais para o diálogo,

conflitos familiares) que influem sobremaneira nas posições-de-sujeito (Hall, 2000) que assumem ao longo de suas trajetórias socioespaciais.

Outros questionamentos e desafios de campo são adquiridos, pois afinal, a complexidade e a ausência de uma racionalidade religiosa que regule as relações das comunidades *undergrounds* entre elas e com outros setores, corroboram a cidade e a lógica urbana como cenário por excelência na qual as diferentes culturas juvenis, permanente reciprocamente engajadas e negociadas em relações culturais e de poder, dão forma à dinâmicas de sociabilidade e de pertencimento identitário que escapam de qualquer descrição exaustiva e emolduração contemplativa. O *underground* cristão nos ajuda a repensar os múltiplos territórios de experiências sociais que se colocam à margem das instituições e das relações corriqueiras (como o tempo do trabalho e as programações culturais formais), muitas das vezes sem intenções previamente planejadas, e o encontro entre pessoas e "tribos" (no linguajar maffesoliano e já "senso-comunizado") se dá pura e complexamente pelo prazer de estar-a-toa e aproveitar o uso do tempo livre para conhecer novos caminhos, *points* e pessoas, e, no caso dos cristãos *undergrounds*, encontrar outras pessoas desiludidas com a religião institucional e que anseiam por redescobrir a espiritualidade plena supostamente perdida no mundo presente, onde a ganância pelo lucro imediato, a exibição midiática das grandes lideranças religiosas e a formalidade das relações sociais tripudiaram a ligação primordial que homens e mulheres sempre tiveram com o divino. Por isso, a busca por um território longe dessas vicissitudes humanas é cada vez mais imperioso para o jovem religioso embebido do ideário pós-moderno.

4. Considerações finais

A virada cultural (*cultural turn*) em Geografia, influenciada pelos estudos culturais britânicos de Stuart Hall e outros (Duncan, 2000), colocou novos temas e reflexões outrora ignorados pelos vieses racionalista (geografia francesa), empirista (geografia anglo-saxã) e positivista (geografia quantitativa dos anos 1950-60). Até mesmo a *new cultural geography*, encabeçada por autores influentes como Denis Cosgrove, James Duncan, Peter Jackson, David Ley e Linda McDowell tiveram que reavaliar suas práticas científicas em meio ao turbulento cenário ocidental pós-moderno que a todo instante desestabiliza e suplanta seus próprios fundamentos

morais, metafísicos (Eagleton, 2003) e paisagísticos em prol da adoção de novos hábitos e comportamentos sociais que logo ganham status de *commoditie* para encher os cofres do empresariado e dos "profissionais da cultura".

São novas práticas dos jovens, das minorias étnicas, dos *queers* etc. que obrigaram as ciências humanas a se adequarem textual e praticamente para os *devires* impostos pela condição urbano-metropolitana. A juventude abalada pelo fracasso da revolução cultural dos anos 1950-60, não se dobrou, contudo, perante os imperativos estético-comportamentais dos "adultos": ela reinventou-se posteriormente, praticando outras "culturas de espaço" nos múltiplos lugares que configuram a cidade e seu entorno.

Se os hippies contraculturais tinham aversão ao modo de vida "urbanóide" e preferiam viver nostalgicamente em comunidades rurais, o jovem de hoje não possui "medo" da cidade e muito menos aversão à tecnologias ou relações impessoais. A cidade é um campo fértil, ou, no imaginário de alguns audazes grupamentos de estilo (funk, headbanger, punk, hardcore, careca, indie, pitboy), um labirinto misterioso e ao mesmo tempo atraente a ser explorado conforme os recursos, disponibilidade de tempo e quantitativo de amigos dispostos a esquadrinhar a cidade nos momentos de reclusão da massa ordeira, trabalhadora ou "puritana", que é o período noturno dos finais de semana.

O período noturno é um ótimo exemplo de como as juventudes impõem suas práticas culturais quando um mínimo de "espaço" lhes é fornecido. Nos instantes noturnos, quando o tempo do trabalho, o tempo do estudo e o tempo da religião são insignificantes, o lazer, o entretenimento, a afetividade, a transgressão das normas, e, em alguns casos, o enfrentamento entre grupos rivais, ensejam uma fértil paisagem noturna juvenil onde encenações na rua, gestos impulsivos e códigos de grupo são os ingredientes que garantem a efervescência cultural heterotópica das "noitadas urbanas".

A juventude cria geografias da cultura que abraçam a cidade e chutam tudo o que é normativo, repressivo, monótono e que lembra o tempo do trabalho. Em um ponto de vista fenomenológico e existencial, o espaço urbano é a via, horizonte e morfologia onde os diferentes grupos juvenis nela inseridos experimentam e experienciam a complexa e ambivalente vida e cultura moderna. Através de relações com os objetos espaciais (praça, shopping, cinema, bar, atrativos turísticos, eventos

de entretenimento) e com os corpos sociativos, os jovens negociam, se ajustam e constroem uma interação complexa e instável com a cidade que, em consequência, produzirá múltiplas territorialidades e significados que abre o urbano para a revisão constante de suas regras, "etiquetas" e modos de sociabilidade .

As possibilidades de interação entre jovens e destes com os múltiplos equipamentos urbanos compreende uma lógica de escolhas seletivas, onde o grupo, ciente (ou não) dos lugares frequentados por outros "iguais", constrói seus trajetos em direção aos lugares autenticados pela sua identidade e garante que ali a sua visibilidade será alcançada.

A Geografia, em intersecção com as demais ciências preocupadas com a juventude, tem muito que contribuir para a formação de um pensamento que, de acordo com Giddens, possa "espiralar" entre a vida social e a academia, em outras palavras, uma teoria social que acompanhe o dinamismo social, que ressalte as muitas expressões e vivências de todas as esferas da vida, abdicando do pensamento universalista e ideologicamente submisso à visão unilinear dos modernistas e marxistas. O lugar aparece como o nó das relações sociais, foco de transformações em todos os sentidos da vida, cuja (des)conexão com os eventos globais requer dos jovens uma postura dinâmica, fluida, que esteja em acordo com os padrões estéticos, políticos e de consumo verificados em outras escalas de atuação. A cidade inclui o global e o transfigura em novos elementos e rituais consonantes com as demandas "internas". Diante disto, o jovem é um dos agentes principais, dada a sua praticidade e os diversos anseios experimentados no decorrer da época escolar e da vida de trabalho.

Cabe à Geografia percorrer essas infinitas trajetórias sociais e mostrar o sentido que há nelas, tomando sempre o cuidado de não estereotipar e reificar as manifestações estéticas e culturais. O espaço é a diretriz onto-fenomenológica que move homens e mulheres, crianças e adultos, jovens e idosos no mundo, daí a sua importância como condição da existência não só do próprio humano, mas também da relação que envolve o humano com outras coisas – multiplicidade e complexidade advogadas em Massey (2008) – e que define, assim, a contemporaneidade da vida social.

5. Referências

ABRAMO, H. W. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5 e 6, p. 25-36, mai/dez, 1997.

ARANTES, A. A. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (Org.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 157-179.

CARDOSO, Diogo da Silva. Etnogeografia do underground cristão: Concentração e dispersão das Tribos em nome do Senhor. Disponível em: (http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/processaPesquisa.php?PHPSESSID=80b32af67f39ddf34dbd72a6f1ed9836&listaDetalhes%5B%5D=1323&processar=Processar) – Data de acesso: 06/06/2011.

CARRANO, P. C. R. *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro: Relume Damurá: FAPERJ, 2002.

_____. *Juventudes e cidades educadoras.* Petrópolis: Vozes, 2003.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (Org.). *Geografia Cultural:* um século (2). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000. p. 15-32.

DAYRELL, J. *A música entra em cena*: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Humanitas, 2005. p. 21-44.

_____. A escola como um espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez. (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura.* 2ª. reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 136-161.

DUNCAN, James. Após a guerra civil: reconstruindo a geografia cultural como heterotopia. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural (2)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p. 61-84.

FERREIRA, Vítor Sérgio. Ondas, cenas e microculturas juvenis. *PLURAL*. v.15. São Paulo: USP, 2008. p. 99-128. Disponível em: (www.fflch.usp.br/ds/plural/edicoes/15/artigo_6_Plural_15.pdf) – Data de acesso: 06 jan. 2010.

FRESHE, Fraya. As realidades que as "tribos urbanas" criam. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 21, n. 60, fev. 2006. Disponível em: (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-90920060001000012) – Data de acesso: 12 ago. 2009.

GUPTA, Akhil, FERGUSON, James. Mais além da "cultura": espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antônio Augusto. (Org.). *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus, 2000.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna:* uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

MASSEY, D. *Pelo espaço*: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000. p. 176-185.

MCDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, Derek, MARTIN, Ron, SMITH, Graham. Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. p. 159-188.

SOJA, E. O espaço como questão pessoal. In: OLIVEIRA, M. P. de; COELHO, M. C. N, CORRÊA, A. de M. (Orgs.). *O Brasil, a América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas*. v. 1. Rio de Janeiro: Lamparina/ANPEGE/FAPERJ, 2008. p. 17-51.

SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, p. 16-39, set/dez., 2003.

NETO, Nécio Turra. *Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina*. Presidente Prudente: EDUNESP, 2004.

_____. *Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade*. Tese de Doutorado em Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia, UNESP, Presidente Prudente: 2008. 516 p.

RIFKIN, Jeremy. *O século da biotecnologia*. São Paulo: Makron Books, 1999.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de. (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983. p. 183-188.

VARELA, Francisco Ramírez. El mito de la cultura juvenil. *Última Década,* Valparaíso, n. 28, p. 79-90, jul. 2008.